

**Universidade Estadual de Campinas – Unicamp**

**Comunicação Social – Habilitação em Midialogia**

**CS106 – Método e Técnicas de Pesquisa e de Desenvolvimento de Produtos de Midialogia.**

**Docente:** José Armando Valente

**Discente:** Ingrid Fernandes Ruela **R.A.:** 174986

**Projeto de desenvolvimento de produto midiático**

## **Arte no cemitério: uma moeda para o barqueiro**

### **Introdução**

Na cultura da Grécia Antiga, morrer envolvia três estágios: estar morrendo, estar morto mas não estar enterrado, e estar morto e enterrado. Cada um dos estágios demandava alguns rituais que envolviam os vivos no processo da morte, o que acabava extrapolando os limites da prática religiosa e incorporando dimensões das práticas sociais. (SANTOS, 2011). Assim, os rituais funerários eram marcados por determinações políticas e socioeconômicas, que assim como hoje em dia, desvelavam a estrutura social na qual os mortos estavam inseridos e sua posição na cadeia hierárquica da sociedade.

Não à toa, uma moeda era colocada na boca dos cadáveres ao barqueiro de Hades, Caronte, a fim de garantir o sucesso da travessia do mundo dos vivos ao mundo dos mortos. Aqueles que, no entanto, não tinham nenhuma quantia a lhe oferecer, ou cujos corpos não haviam passado pelas práticas ritualísticas, eram condenados a vagar pelas margens dos rios por cem anos.

O sepultamento atestava o início da viagem até o reino de Hades, pois acreditava-se que assim o corpo estava mais próximo do domínio no subterrâneo que iria abrigá-lo. Além disso, atestava também “que os vivos fizeram o que lhes competia para que ela transcorresse em segurança e o morto alcançasse seu destino devido” (SANTOS, 2011, p. 6).

Assim como as tumbas gregas, as sepulturas cristãs também são marcadas por construções e objetos de diversos tipos. As majestosas estátuas que choram a morte em cima dos sepulcros são imagens de anjos, de Maria, de Cristo e de passagens bíblicas que relembram para o próprio Deus a ideia da ressurreição. Não são, em sua maioria, homenagens àquele que está enterrado. Invés disso, são homenagens a Deus, para que Ele receba muito bem no Paraíso o ente querido que se foi. Assim, podemos concluir que a arte nos túmulos cristãos estão para Deus assim como as moedas estão para Caronte.

são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos. (ASSIS, 1997, p.201)

Até mesmo os epitáfios, que tentam ali eternizar a vida daquele que morreu numa breve frase, como bem observou Machado de Assis, fogem desta conclusão, afinal, tratam-se no geral de versículos da bíblia: “Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor” (BÍBLIA, Apocalipse, 14, 13).

É por entender a importância da prática ritualística da morte como um caminho para se compreender a sociedade na qual vivemos, que se propõe nesse projeto elaborar um portfólio online com fotografias dos túmulos cristãos a fim de explorar a estética das obras de arte nos cemitérios.

## Objetivos

### Gerais:

- Realizar um ensaio fotográfico que explore a estética da arte sacra no Cemitério da Consolação em São Paulo, e disponibilizá-lo como portfólio na plataforma online Behance.

### Específicos

#### Pré-produção

1. Providenciar uma autorização para fotografar no Cemitério da Consolação;
2. Consultar a previsão do tempo para agendar uma data;
3. Preparar a câmera fotográfica.

#### Produção

1. Fotografar os túmulos no Cemitério da Consolação;
2. Editar as fotografias no programa da Adobe Photoshop;
3. Criar a uma conta na plataforma online Behance;
4. Organizar as fotos numa pasta no Behance;

#### Pós-produção

1. Disponibilizar o link do álbum do Behance no TelEduc
2. Preparar uma apresentação do produto midiático
3. Apresentar o produto midiático

## Metodologia

Local: Cemitério da Consolação – São Paulo (SP).

Pessoas envolvidas: somente eu estarei envolvida em todas as etapas da produção

Publico alvo: pessoas interessadas em História da Arte, Religião e fotografia.

Descrição das ações:

#### *Pré-produção*

1. Providenciar uma autorização para fotografar no Cemitério da Consolação. **Tempo estimado: ½ h**
2. Consultar a previsão do tempo para agendar uma data. **Tempo estimado: 1/12 h**
3. Preparar a câmera fotográfica. **Tempo estimado: 1 h**

#### *Produção*

1. Fotografar os túmulos no Cemitério da Consolação. **Tempo estimado: 3 h**
2. Editar as fotografias no programa da Adobe Photoshop. **Tempo estimado: 2 h**
3. Criar a uma conta na plataforma online Behance. **Tempo estimado: ½ h**
4. Selecionar, e organizar as fotos selecionadas numa pasta no Behance. **Tempo estimado: ½ h**

#### *Pós-produção*

1. Disponibilizar o link do álbum do Behance no TelEduc. **Tempo estimado: 1/12 h**
2. Preparar uma apresentação do produto midiático. **Tempo estimado: 1/12 h**
3. Apresentar o produto midiático. **Tempo estimado: 1/12 h**

## Cronograma

<b><i>Pré-produção</i></b>	<b>2/6</b>	
Providenciar uma autorização para fotografar no Cemitério da Consolação	½ h	
Consultar a previsão do tempo	1/12 h	
Preparar a câmera fotográfica	1 h	
<b><i>Produção</i></b>	<b>2/6</b>	<b>6/6</b>
Fotografar o Cemitério da Consolação	3 h	
Editar as fotografias no Photoshop	2 h	
Criar uma conta no Behance		½ h
Selecionar e organizar as fotografias selecionadas numa pasta no Behance		½ h
<b><i>Pós-produção</i></b>	<b>6/6</b>	<b>13/6</b>
Disponibilizar o link do álbum do Behance no TelEduc	1/12 h	
Preparar uma apresentação do produto midiático	1/12 h	
Apresentar o produto midiático		1/12 h

## Referências

- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Globo, 1997. 214 p.
- BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966. p.678-686.
- SANTOS, Sandra Ferreira dos. Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um Espaço Feminino. **História, Imagem e Narrativas**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p.1-15, abr. 2011.